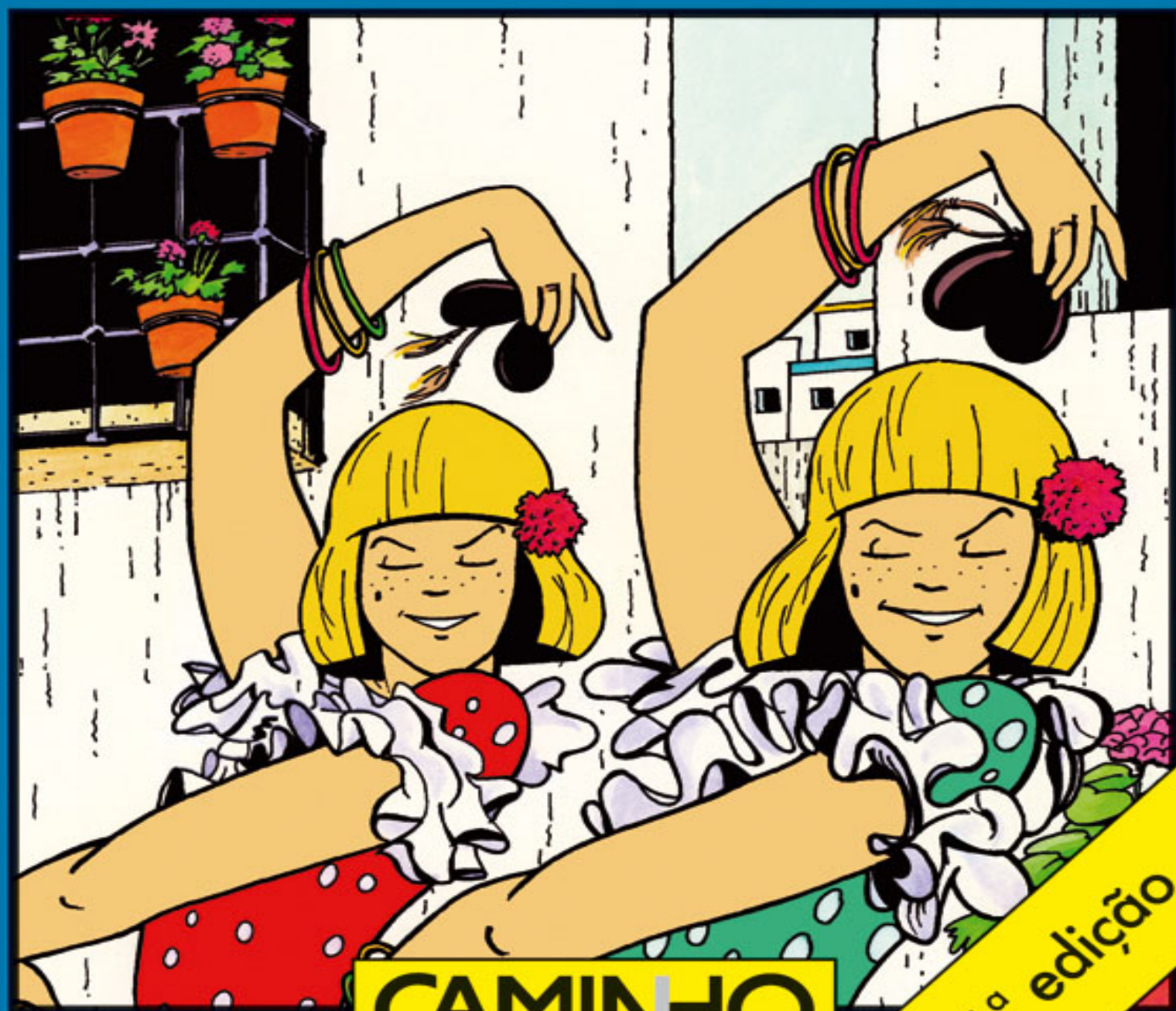


Uma aventura

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Ilustrações de
Arlindo Faundes

em Espanha



CAMINHO

5.ª edição

Ficha Técnica

UMA AVENTURA EM ESPANHA
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Ilustrações: Arlindo Fagundes

© Editorial Caminho — 1996
Uma editora do grupo Leya
Editorial Caminho
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal

ISBN: 9789722122801
www.caminho.leya.com

Aos queridíssimos Bernardo e Gonçalo

Capítulo 1

O fim-de-semana promete

— Olé!

A praça de toiros estava a abarrotar de gente que vibrava com o espectáculo de uma maneira curiosa. Gritavam, aplaudiam, levantavam-se de rompante e voltavam a sentar-se como se tivessem ensaiado em casa.

As gémeas não percebiam nada de touradas mas tinham-se deixado arrebatado pelo entusiasmo geral e já se erguiam ao mesmo tempo que as outras pessoas, berrando a plenos pulmões:

— Olé! Olééé!

Lá em baixo, na arena, o toureiro movia-se com passos miudinhos, uma elegância de bailarino, e tão seguro de si que até parecia fácil fazer o toiro passar de um lado para o outro da capa vermelha. E rebrilhava no seu traje cor de ouro.

A certa altura, não entenderam porquê, o público exigiu em coro:

— Música! Música!

E a banda começou a tocar uns acordes tão vibrantes e alegres que apetecia dançar nas bancadas. Era impossível resistir àquela onda de animação! Chico respirou fundo e bateu palmas até lhe doerem as mãos. Sentia-se radiante por estar ali noutro país tão próximo e afinal tão diferente, mas com uma particularidade deliciosa: entendia tudo o que as pessoas diziam, mesmo quando as palavras não eram bem iguais. De vez em quando virava-se para o padrinho das gémeas e dizia-lhe com ares de conhecedor:

— Que toureiro fantástico!

E o senhor, encantado, respondia-lhe:

— Sí, sí. Muy bueno.

Desde que tinham chegado a Madrid, na véspera à noite, para passarem um fim-de-semana prolongado em casa do padrinho das gémeas, já fizera várias experiências de conversa, sempre com o maior êxito. Pedro até resumira o problema da comunicação com muita clareza:

— Para nós a língua deles não tem grandes segredos. Só nos escapa uma palavrita ou outra mas tira-se pelo sentido. Agora para nos fazermos entender, temos que falar devagar, abrir as vogais e «arredondar» um pouco o português.

— Exacto — respondera o João, tentando a pronúncia espanhola. — Basta dizer «pôr favor, pôr favor» e sabem logo que a gente quer alguma coisa.

Aquela descoberta tinha sido feita quando iam no carro a caminho da praça de toiros. Todos riram e o padrinho das gémeas deu-lhe razão.

— Por essas e por outras é que nos consideramos «países irmãos» — dissera. — E agora vou-lhes apresentar um grande amigo que para mim é como um irmão; chegou ontem das américas e ainda não nos vimos. Combinámos um encontro naquele café.

Esse tal amigo chamava-se Paco, estava ali com eles na bancada, ficara sentado entre o Chico e o Pedro, e sempre que havia uma pausa explicava-lhes o que se ia passar a seguir com um sorriso de orelha a orelha. Era um indivíduo gordo, quase completamente careca e com enormes bochechas vermelhas. Simpático, supercomunicativo, falava pelos cotovelos, rematando as frases com o olhar directo e luminoso que só aparece na cara de pessoas francas e divertidas.

Quando a tourada acabou, estavam íntimos, e ficaram contentíssimos por irem jantar todos juntos a um restaurante que tinha o mesmo nome do senhor: Paco. E

mais contentes ficaram quando souberam que a especialidade da casa era bifés com batatas fritas. Bifés tão grandes que caíam umas pontas de carne para fora do prato. Estiveram horas à mesa a comer, a beber, a conversar e a rir. Paco tinha imensas histórias giras para contar porque, sendo director de uma companhia de dança, viajava imenso a apresentar espectáculos em teatros de todo o mundo.

— É uma vida cansativa, mas eu adoro! Já pensaram o que é andar de um lado para o outro com bailarinas, técnicos, bagagens pessoais, guarda-roupa de palco e cenários? Uma loucura! Uma perfeita loucura!

Os olhos brilhavam-lhe, fazia gestos largos que por pouco não derrubavam os copos, comia uma garfada de batatas fritas bem embebidas em molho, depois limpava a boca com o guardanapo e ria para eles deixando à mostra uma dentadura faiscante, que dava a impressão de poder continuar a rir sozinha mesmo que o dono ficasse sério.

— Vocês têm que vir comigo amanhã à noite. Quero que assistam ao espectáculo que vamos dar nos jardins do Palácio Real.

Escusado será dizer que aceitaram imediatamente o convite. E Paco desatou a explicar-lhes como era o bailado.

— A nossa companhia vai dançar *A Bela Adormecida*, e quem faz de princesa é uma bailarina chamada Conchita...

Ao pronunciar este nome as bochechas perderam a cor e a voz alterou-se. Falava agora baixinho, quase num murmúrio, e os gestos tornaram-se tão suaves e delicados como se ele próprio dançasse sem sair do lugar.

— A Conchita é uma rapariga muito especial. Leve como uma pluma, graciosa como uma flor, parece que nem pisa o chão, e no entanto a sua presença enche o palco. Quando está em cena, o público desvaira.

Baixou ainda mais a voz e acrescentou:

— É linda de morrer!

Depois, meio envergonhado, mudou de tom.

— Ainda só tem dezoito anos, mas não tarda que seja considerada uma das maiores bailarinas do nosso tempo!

Eles entreolharam-se à socapa. Não precisavam de falar para saberem que pensavam todos o mesmo. Aqueles elogios não podiam significar apenas admiração profissional. O homem estava apaixonado!

— Queremos imenso conhecê-la — disse a Teresa com cara de sonsa. — Acha que podemos ir um bocadinho mais cedo para ver montar os cenários e cumprimentar os artistas?

— Sim, claro. Combinamos uma hora e vêm ter comigo ao Palácio Real. Os artistas não gostam lá muito de receber gente antes do espectáculo, têm que se arranjar e precisam de sossego. Mas logo se vê se lhes apresento alguns.

— Pelo menos a Conchita — arriscou o Pedro.

Ele encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— Se ela estiver pelos ajustes. A Conchita não anda com muito bom feitio. É um encanto mas às vezes faz birras. Também não admira, coitada! É muita responsabilidade para uma rapariga tão nova.

Quanto mais lhes descrevia a bailarina, mais lhes aguçava a curiosidade. Bonita, birrenta, leve...

— É loira? — perguntou o Chico de súbito.

— Sim. Como é que adivinhaste?

Ele corou sem saber porquê. E Pedro, percebendo que o amigo estava atrapalhado, desviou a conversa:

— A que horas montam os cenários? Eu gostava de ver.

— A equipa técnica está a fazer a montagem hoje à noite. Mas amanhã podes assistir ao ensaio dos efeitos de luz, que são espectaculares. Temos um técnico que consegue usar as lâmpadas de uma maneira extraordinária. Quando a princesa adormece, ele projecta no cenário raios e sombras que parecem mesmo plantas do bosque a crescerem à volta do palácio. É uma maravilha!

Dito isto engasgou-se e tossiu, tossiu, apertando o guardanapo contra a boca. O padrinho das gémeas ainda

lhe deu umas palmadas nas costas mas ele demorou a recuperar-se. Se ninguém reparou foi porque o restaurante estava cheio e as pessoas falavam muito alto, todas ao mesmo tempo e com gargalhadas à mistura.

— Engasguei-me — balbuciou por fim —, engasguei-me...

Ainda lhe custava articular as palavras mas tentava desesperadamente explicar por que motivo perdera a respiração.

— Foi o Narciso. O Narciso.

— Como? — perguntaram em coro.

Antes de retomar o discurso bebeu uns golos de água, conteve a respiração e depois apontou-lhes um grupo que acabara de entrar e se instalara ao fundo da sala.

— O tal técnico de luzes chama-se Narciso e também veio aqui jantar com um grupo de amigos. É aquele mais alto. Sentou-se de costas, estão a ver? Pois entrou exactamente no momento em que eu relatava as suas habilidades. Que coincidência, hem?

Talvez por sentir tantos pares de olhos cravados na nuca, Narciso voltou-se e, ao dar de caras com eles, esboçou um sorriso amarelo. Depois levantou-se, atravessou a sala e dirigiu-se a Paco.

Não lhes custou interpretar o que viam. Se calhar o técnico de luzes não tinha autorização para sair do palco enquanto os cenários não estivessem prontos, daí o sorriso contrafeito ao ver o director da companhia. Mas não tivera outro remédio senão levantar-se, cumprimentá-lo e dar-lhe contas do serviço.

Era isso mesmo que fazia, com as mãos apoiadas no tampo da mesa e a cabeça ligeiramente inclinada.

— Eu saí mais cedo — explicava-se — mas não há problema, já está tudo em ordem.

Paco ignorou as explicações e apresentou-o:

— Aqui têm o Narciso, um artista de primeira. Não há outro igual em parte nenhuma do mundo!

Ele pareceu ficar satisfeito e afastou-se com um aceno amigável.

— Que giro que é — murmurou a Luísa entredentes.

— E os amigos? Já reparaste nos amigos? — respondeu-lhe a irmã no mesmo tom.

Disfarçadamente puseram-se a observar a rapaziada que se instalara na mesa do canto, e apesar da distância julgaram poder concluir que eram todos giríssimos.

— Eu prefiro o de cabelo preto — disse uma.

— Hum... olha que o de cabelo castanho não lhe fica nada atrás.

Fixaram-se então as duas numa cara risonha de queixo quadrado e madeixa fofa sobre a testa. Devia estar a contar uma anedota porque os outros riam soltando belas gargalhadas sonoras:

— Ha! Ha! Ha!

Atacadas de romantismo, suspiraram.

Narciso deixara atrás de si um perfume intenso, um cheiro a plantas selvagens que persistia, flutuando como uma nuvem invisível.

— Nuvem Selvagem.

— Hã?

— É como se chama a água-de-colónia do Narciso. Não conheço ninguém tão vaidoso. Adora perfumar-se!

— E com certeza despejou o frasco pela cabeça — disse o Chico no gozo.

Lá ao fundo as gargalhadas redobraram.

— Ha! Ha! Ha!

Outros grupos também se mostravam cada vez mais animados, e para conseguirem ouvir-se iam subindo de tom, até à gritaria. Esta alegre balbúrdia permitiu que as gémeas trocassem segredos em voz baixa.

— Achas que o Narciso convidou os amigos para o espectáculo de amanhã?

— Tomara que sim. Adorava conhecer de perto aquela «madeixa fofa».

— Talvez eles também vão um pouco mais cedo para verem os cenários e os ensaios de luz...

— Isso era excelente.

— Palpita-me que o fim-de-semana não vai ser só divertido, vai ser brilhante!

— Ou luminoso...

— O que é que vocês estão para aí a dizer uma à outra? — perguntou o Pedro, desconfiado.

— Nada!

— Acho-as com uma expressão conspirativa. Planearam alguma partida?

— Nós? Que ideia!

— Só estávamos a falar no espectáculo de amanhã. Apetece-nos imenso ir.

Capítulo 2

No Palácio Real

No dia seguinte apresentaram-se diante das portas do Palácio Real tão cedo que ainda tiveram que esperar um bom bocado. Através do gradeamento viram circular gente transportando cadeiras, plantas, fios eléctricos, escadotes, e aquela azáfama aguçava-lhes o apetite. Ansiavam misturar-se com os técnicos e os artistas, porque as amizades feitas na véspera criavam a ilusão agradável de que também eles faziam parte da companhia. O padrinho das gémeas não pudera acompanhá-los, limitara-se a dar-lhes boleia até à Praça do Oriente, prometendo passar a recolhê-los no fim do espectáculo. Entregues a si próprios, ainda se divertiam mais!

Que bom gozar de liberdade numa terra estrangeira! Estava um fim de tarde quente, de céu muito azul, e das árvores em flor vinha um cheiro bom. O ambiente e o facto de andarem sozinhos faziam-nos sentirem-se mais velhos, mais altos, mais independentes.

Quando Paco apareceu, esbaforido, queixando-se de que surgira um problema difícil de resolver, adoraram consolá-lo.

— São as birras de Conchita! Esta rapariga dá comigo em doido! Ultimamente anda tão esquisita! Umas horas antes de entrar no palco resolve sempre fazer exigências estapafúrdias.

— Pediu o quê?

— Um camarim só para ela.

A explicação deixou-os perplexos. Parecia-lhes perfeitamente natural que a estrela da companhia tivesse um camarim privativo. As dúvidas, porém, desapareceram no minuto seguinte, porque Paco esclareceu:

— Se actuássemos num teatro, não havia problema nenhum. Agora aqui nem sequer há camarins. As salas do palácio estão mobiladas como um museu que o público pode visitar. Só fechou este fim-de-semana por causa do espectáculo.

— Então e os artistas onde é que se arranjam?

— Puseram à nossa disposição uns corredores largos e uns recantos que servem perfeitamente para uma noite. Emprestaram espelhos, lâmpadas, cabides, uns sofás para descansarem, e toda a gente concordou menos a menina Conchita, que quis armar-se em caprichosa.

Via-se que estava transtornado e não sabia o que fazer. Gostariam imenso de lhe dar sugestões, mas quais? A presença de uma mulher forte, vestida de preto e com uns enormes triângulos amarelos no lugar dos brincos veio distraí-los das preocupações. Falava tão depressa que não conseguiram entendê-la, mas na cara de Paco estampou-se uma expressão de alívio risonho.

— Pronto, pronto! Está tudo resolvido. Arranjaram um aposento especial para a «princesa». Ora venham comigo para lhe darmos a boa nova.

Seguiram-no pelo jardim, deixando a mulher de preto a falar freneticamente para um telefone portátil. O tom indicava que descompunha alguém, e os triângulos amarelos abanavam, abanavam, sacudindo as orelhas.

Foram encontrar Conchita no meio das outras bailarinas, que se ocupavam com exercícios de aquecimento. Ela, porém, não se mexia. Encostada a um canto, de braços cruzados e com cara de amuo, parecia pronta a gritar aos quatro ventos: «Não danço, não danço e não danço!»

— Que parva — disseram as gémeas.